

## O BRINCAR ESPONTÂNEO DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA ISOLADA DE BLUMENAU-SC

Eduarda Legnaghi Wagner<sup>1</sup>

Cristiane Theiss Lopes<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade Regional de Blumenau (FURB), cujo tema aborda o brincar espontâneo de crianças em uma escola isolada de Blumenau-SC, caracterizada como escola do campo. A pesquisa buscou compreender de que maneira as crianças se expressam por meio de suas brincadeiras espontâneas nesse contexto, analisando como esses momentos refletem elementos da cultura infantil, local e global. A questão norteadora do estudo foi: do que brincam espontaneamente as crianças no contexto de uma escola isolada de Blumenau-SC? Como objetivo geral, buscou-se compreender as brincadeiras espontâneas das crianças nesse espaço educativo. Foram definidos três objetivos específicos: (1) identificar as interações e brincadeiras das crianças; (2) descrever como ocorrem essas brincadeiras, registrando-as e dialogando com as crianças; e (3) analisar como as crianças caracterizam suas próprias brincadeiras. A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamentou-se nos aportes da Sociologia da Infância, valorizando a escuta e a participação das crianças no processo investigativo. Foram utilizadas observações participantes e rodas de conversa como instrumentos de geração de dados. Os resultados revelaram que, embora vivam em um contexto rural, as crianças incorporam elementos da cultura midiática global em suas brincadeiras, sem abandonar as práticas tradicionais que atravessam gerações. Conclui-se que o brincar espontâneo constitui um espaço simbólico onde as crianças articulam natureza, tecnologia e cultura, expressando suas identidades e formas próprias de significar o mundo.

**Palavras-chave:** Crianças; Brincadeiras espontâneas; Escola do campo; Blumenau.

### INTRODUÇÃO

A infância é uma etapa singular da vida, marcada por descobertas, curiosidades e interações que possibilitam a construção de significados e aprendizagens. Nesse contexto, o brincar se configura como uma das manifestações mais autênticas da cultura infantil, sendo um meio privilegiado de expressão, comunicação e socialização das crianças. O brincar espontâneo, aquele que emerge das próprias crianças e não é dirigido por adultos, revela modos de ser e estar no mundo que expressam tanto aspectos individuais quanto coletivos da infância.

Este artigo tem como foco compreender o brincar espontâneo das crianças em uma escola isolada localizada na zona rural de Blumenau-SC. Essa escola, que integra a modalidade de Educação do Campo, representa um espaço educativo com características

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia da Universidade Regional de Blumenau - FURB, [dudaleg50@gmail.com](mailto:dudaleg50@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Regional de Blumenau - FURB, [ctlopes@furb.br](mailto:ctlopes@furb.br)



próprias, inserido em um contexto onde as relações com a natureza, o território e a comunidade são mais intensas. Entretanto, também é um ambiente atravessado por elementos da cultura global, sobretudo pelas mídias digitais e pela internet, que influenciam as formas de brincar e interagir.

A pesquisa teve origem nas experiências da autora durante o Estágio VI do curso de Pedagogia da FURB, quando foi possível vivenciar o cotidiano de uma escola do campo e observar as crianças em momentos livres. A partir dessas observações, surgiu o interesse em investigar: do que brincam espontaneamente as crianças nesse contexto?

O estudo justifica-se pela relevância de compreender o brincar como linguagem e direito da infância, reconhecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e pelas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB nº 1/2002). Além disso, contribui para ampliar o olhar sobre as infâncias rurais, ainda pouco exploradas nas pesquisas acadêmicas, e para refletir sobre o papel da escola em valorizar as culturas infantis locais.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada em uma escola isolada localizada na região da Itoupava Central, área rural do município de Blumenau-SC. Essa escola atende turmas multisseriadas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O espaço é cercado por natureza, com campos e pastagens que se estendem ao redor, compondo uma paisagem típica da zona rural do Vale do Itajaí. O número reduzido de alunos e o ambiente comunitário favorecem relações próximas entre crianças, professores e famílias.

A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, por compreender que o fenômeno do brincar espontâneo exige uma análise interpretativa das experiências e significados atribuídos pelas próprias crianças. Segundo Silva e Menezes (2000), a pesquisa qualitativa valoriza o ambiente natural como fonte direta de dados, tendo o pesquisador como instrumento-chave na produção de sentidos.

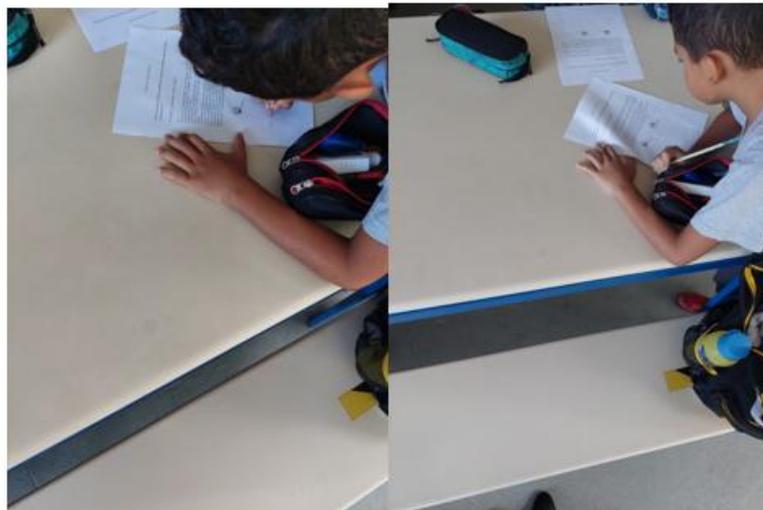
O principal instrumento de geração de dados foi a observação participante, desenvolvida durante cinco dias consecutivos, sempre no período da manhã, entre 7h e 7h30, momento em que as crianças chegavam à escola e brincavam livremente antes do início das aulas. A pesquisadora integrou-se ao cotidiano escolar, registrando as brincadeiras em diário de campo e fotografias (com autorização institucional).



Também foram realizadas rodas de conversa com as crianças para validação dos dados, nas quais puderam comentar sobre suas brincadeiras, explicar regras e compartilhar suas preferências. Esse momento dialógico foi essencial para respeitar o protagonismo infantil e promover a escuta ativa, conforme propõe Ferreira e Sarmento (2008), que defendem a devolutiva das observações às crianças como forma de construção participativa do conhecimento.

A turma participante era composta por alunos do 3º, 4º e 5º ano, totalizando 12 crianças com idades entre 8 e 11 anos. Todas assinaram o termo de assentimento, garantindo sua participação voluntária e informada, conforme as orientações éticas da pesquisa com crianças (Soares, Sarmento e Tomás, 2005).

Figura 3- Assinando o termo de assentimento



Fonte: Elaboração Própria

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, buscando identificar os significados e valores presentes nas brincadeiras, bem como as influências culturais e sociais que as atravessam. O olhar da pesquisadora foi orientado pelos pressupostos da Sociologia da Infância, reconhecendo as crianças como sujeitos de direitos e produtores de cultura.



## REFERENCIAL TEÓRICO

O brincar é uma dimensão constitutiva da infância e se apresenta como linguagem e forma de participação social das crianças. De acordo com Corsaro (2011), as crianças não apenas reproduzem os comportamentos dos adultos, mas os reinterpretem criativamente, num processo que o autor denomina de reprodução interpretativa. Por meio das brincadeiras, elas constroem significados, negociam papéis e recriam o mundo à sua maneira.

Para Brougère (1998, 2010), o brincar é uma prática social inserida na cultura, que permite às crianças vivenciar experiências simbólicas e transformar elementos do cotidiano em objetos de imaginação. Assim, o brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas também um espaço de aprendizagem, socialização e construção de identidade.

No contexto da Educação do Campo, o brincar adquire contornos específicos. Segundo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (CNE/CEB nº 1/2002), as práticas pedagógicas devem valorizar os saberes e modos de vida das comunidades rurais, respeitando sua temporalidade e vínculos com a natureza. O brincar, nesse cenário, é atravessado por relações com o ambiente natural, com os animais e com a coletividade.

A BNCC (2017) reforça o brincar como eixo estruturante da Educação Infantil, entendendo-o como forma de expressão, pensamento e interação com o mundo. Nessa perspectiva, a brincadeira é um direito e um modo de aprender, que precisa ser garantido também nas escolas do campo.

Autores como Sarmiento (2003, 2011) ampliam essa discussão ao destacar as culturas infantis como formas de resistência e criação simbólica. Para o autor, as crianças produzem cultura própria, elaborando significados sobre sua realidade social. Já Wajskop (2012) defende que o brincar é um espaço de liberdade, onde as crianças experimentam papéis sociais e constroem suas próprias regras e valores.

Essas abordagens teóricas, aliadas a estudos contemporâneos sobre o brincar no campo (Rodrigues, 2008; Mendes e Rodrigues, 2015; Guzczak, 2020), sustentam a compreensão de que a brincadeira é uma prática cultural que articula tradição e modernidade, natureza e tecnologia, individualidade e coletividade.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações revelaram uma grande diversidade de brincadeiras, marcadas tanto por elementos tradicionais quanto por influências contemporâneas. As crianças, ao chegarem à escola, utilizavam o pátio para brincar livremente antes do início das aulas. Nesse período, emergiam brincadeiras como “pega-pega”, “esconde-esconde”, “joquempô”, e até pequenas invenções como o “batizar o tênis”, uma espécie de ritual simbólico de pertencimento ao grupo, no qual os colegas sujavam os calçados uns dos outros com poeira ou terra.

Figura 5- Brincadeira de “batizar” o tênis do amigo.



Fonte:Elaboração Própria

Essas brincadeiras, aparentemente simples, revelam a forma como as crianças constroem vínculos e afirmam identidades coletivas. A escola, ainda que situada em um ambiente rural, funciona como espaço de múltiplas culturas, onde as tradições locais convivem com referências globais trazidas pelas mídias digitais. Durante as rodas de conversa, as crianças relataram que aprendem jogos “no YouTube” e que gostam de “jogar Free Fire no celular”, demonstrando como o universo digital também compõe suas experiências lúdicas.



Essa hibridização cultural confirma as reflexões de Buckingham e Sefton-Green (2003), ao afirmarem que as crianças utilizam a cultura midiática para criar novas formas de brincar e socializar. As fronteiras entre o real e o virtual se tornam, assim, cada vez mais tênues, e o brincar reflete o entrelaçamento entre o campo e o urbano, o tradicional e o tecnológico.

Durante a observação, percebeu-se que os meninos tendiam a formar grupos de jogos mais ativos, como futebol e “bafo” (troca de figurinhas), enquanto as meninas preferiam desenhar, conversar ou brincar de casinha. Contudo, havia momentos de integração entre os grupos, revelando flexibilidade nas interações. As brincadeiras de “bafo” foram particularmente significativas, pois envolviam regras próprias e uma linguagem repleta de gírias e expressões oriundas da internet, como “mito” e “lá ele”, mostrando o quanto a oralidade infantil absorve elementos da cultura digital.

Figura 5 – trocando cartinhas do jogo do bafo



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com Schlindwein, Laterman e Peters (2017), a brincadeira é uma atividade livre, incerta e regida por regras próprias, que suspende momentaneamente a lógica do mundo adulto. Nessa escola, o brincar espontâneo se configurou como um tempo de autonomia das crianças, anterior à rotina institucional. Entretanto, houve situações em que a intervenção dos adultos limitou as brincadeiras, como no caso do uso de bicicletas e cartas, suspensos pela direção para evitar conflitos ou distrações. Esses momentos suscitam reflexões sobre o papel da escola em respeitar o tempo e o espaço das infâncias.

Sarmiento e Gouvea (2008) observam que a cultura lúdica globalizada convive com desigualdades de acesso, mas também com processos de ressignificação local. No caso desta pesquisa, mesmo em um ambiente rural, as crianças demonstraram acesso a tecnologias, revelando que a dicotomia entre campo e cidade já não é suficiente para



explicar as infâncias contemporâneas. O brincar espontâneo evidencia, portanto, a coexistência de múltiplos mundos simbólicos. As falas das crianças durante a roda de conversa ilustram essa convivência de referências:

“Eu aprendi a jogar bafo no YouTube.”

“Jogo Free Fire quando chego em casa.”

“Gosto de correr e brincar de esconder, mas também de jogar no celular.”

Esses relatos demonstram que, mesmo cercadas pela natureza, as crianças transitam entre universos distintos e constroem identidades híbridas. O brincar torna-se, assim, uma forma de mediação cultural, onde tradição e modernidade se entrelaçam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o brincar espontâneo de crianças em uma escola isolada de Blumenau-SC permitiu compreender a riqueza simbólica e cultural que permeia as infâncias no campo. As brincadeiras observadas revelam um diálogo constante entre o local e o global, o natural e o tecnológico, o tradicional e o inovador. Mesmo em um contexto rural, as crianças demonstram apropriar-se de elementos da cultura midiática, sem abandonar as práticas tradicionais que fazem parte da memória coletiva.

Constatou-se que o brincar espontâneo é um espaço de liberdade e criação, onde as crianças exercem protagonismo e constroem seus próprios significados. Esse processo confirma a importância de reconhecer as crianças como sujeitos sociais ativos, conforme propõe a Sociologia da Infância, e de garantir o direito ao brincar como dimensão essencial da vida escolar.

A pesquisa também evidencia a necessidade de que as escolas do campo valorizem as culturas infantis em suas práticas pedagógicas, reconhecendo o brincar como forma legítima de aprendizagem e expressão. Mais do que um momento de lazer, o brincar é uma linguagem que revela as formas como as crianças interpretam o mundo, negociam papéis e constroem saberes.

Por fim, sugere-se que futuras pesquisas aprofundem as relações entre brincadeira, cultura digital e identidade infantil em contextos rurais, considerando as transformações culturais e tecnológicas que atravessam as infâncias contemporâneas. Investigar com as crianças, e não apenas sobre elas, é o caminho para compreender a complexidade e a beleza de suas experiências lúdicas e sociais.



## REFERÊNCIAS

- BLUMENAU. Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau. Blumenau: SEMED, 2021.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: MEC, 2002.
- BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1998.
- BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BUCKINGHAM, D.; SEFTON-GREEN, J. Gotta catch 'em all: structure, agency and pedagogy in children's media culture. *Media, Culture and Society*, v. 25, n. 3, p. 379–399, 2003.
- CORSARO, W. Sociologia da Infância. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERREIRA, M.; SARMENTO, M. J. Subjetividade e bem-estar das crianças: (in)visibilidade e voz. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 2, n. 2, p. 60–91, 2008.
- GUCZAK, D. Reprodução interpretativa das crianças em relação aos conteúdos digitais. Dissertação (Mestrado em Educação) – FURB, Blumenau, 2020.
- MENDES, M. B.; RODRIGUES, R. S. N. A educação no campo multisseriada: descobrindo o prazer do aprender nos jogos, brinquedos e brincadeiras. CONEDU, 2015.
- RODRIGUES, R. S. N. O brincar e o aprender na escola do campo. *Anais do Congresso Nacional de Educação*, 2008.
- SARMENTO, M. J. As culturas da infância e o direito de participação. *Educação & Sociedade*, v. 24, n. 85, p. 411–435, 2003.
- SARMENTO, M. J. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios e novas perspectivas. *Cadernos de Educação*, n. 38, p. 19–45, 2011.
- SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. de (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCHLINDWEIN, L.; LATERMAN, M. I.; PETERS, L. (Orgs.). *A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola*. Florianópolis: NUP, 2017.
- SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. UFSC, 2000.
- SOARES, N. F.; SARMENTO, M. J.; TOMÁS, C. *Investigação com crianças: desafios éticos e metodológicos*. Braga: Universidade do Minho, 2005.
- WAJSKOP, G. *Brincar na educação infantil: uma história que se repete*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

